

NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3727/3728 — BISSAU

LUIZ CABRAL NO BOÉ:

"Quem perdeu a convicção revolucionária será afastado da nossa luta"

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, ao dirigir-se à população do Boé, na tabanca de Lugadjol, onde foi proclamada a independência da República da Guiné-Bissau abordou duas importantes questões da actualidade da nossa vida colectiva: a responsabilidade dos membros do Partido, que devem dar o exemplo e não eximir-se às críticas e ao trabalho em prol do povo, e o papel dos «Armazéns do Povo», dos seus dirigentes e empregados, numa altura delicada da economia nacional.

Disse o camarada Presidente: «Neste momento não devemos brincar com a economia do nosso país. Foi com tristeza que verifiquei que certos Armazéns do Povo deste sector se encontram desprovidos de mercadorias o que não é bom pois, neste momento, os Armazéns do Povo representam muito para o desenvolvimento da nossa economia, na medida em que o comércio durante estes três meses do ano desempenha um papel importante. Os empregados dos

Armazéns do Povo não devem só pensar que têm o vencimento assegurado. Devem sim preocupar-se em ter o estabelecimento limpo e arrumado e provido de mercadorias. Além disso, não podem emprestar a ninguém, seja a quem fôr, dinheiro do Estado sem autorização, pois o dinheiro não é meu nem é deles, mas sim do Estado, do Povo. Também sabemos que alguns trabalhadores do Estado quando chamados à atenção, dizem: «Eu sou do Partido». Ora, ser do Partido implica ter ainda mais responsabilidades do que os que não pertencem ao Partido. Os responsáveis dos Comités de Estado, de Sectores ou de Secções devem manter a sua permanente vigilância no controle dos Armazéns do Povo. E todo aquele que fôr apanhado por negligência responderá perante o tribunal por aquilo que ele abusivamente fizer, seja ele do Partido ou não».

Mais adiante, o camarada Luiz Cabral, ainda falando sobre os temas referidos, retomou considerações que oportunamente

fizera numa deslocação ao Sul do País (Cubucaré e Catió), na companhia dos camaradas Aristides Pereira e Nino Vieira. Isto é: os que pertencendo ao Partido se preocupam mais em arranjar boas casas e abrir plantações:

«Quando assim acontece — disse — significa que se perdeu a convicção revolucionária, que o futuro os preocupa porque perderam a confiança no desenvolvimento constante da nossa luta. Por isso, todos aqueles que enveredarem por esse caminho serão afastados».

Uma enorme manifestação de apoio, com aplausos prolongados e ruidosos, sucedeu-se a esta declaração do camarada Presidente que já antes sublinhara o facto de, no Boé, dispensar tranquilamente a sua segurança pessoal pois ali «as Forças Armadas e os camaradas da segurança que me acompanham podem dormir descansados. A minha segurança aqui é garantida por vós, tal como nos duros e difíceis anos da nossa luta», afirmou.

«Aquilo que o povo do Boé demonstrou durante a luta dá-nos garantia suficiente de que nunca trairá a justa linha defendida pelo nosso Partido».

Depois, Luiz Cabral referiu-se à Guiné-Conakry, cuja fronteira está perto da região onde falava, destacando as posições similares dos nossos dois países face à questão angolana:

«Laços indestrutíveis nos ligam à Guiné-Conakry, um povo e uma nação que sofreram ao nosso lado, na carne, a sanha assassina do colonialismo português».

«No contexto da África e do mundo, as nossas opções políticas são idênticas seja qual fôr o ponto em que estão. Há um exemplo flagrante disto, no que se passa, neste momento, em Angola e sobre o que o PAIGC e o PDG tomaram a mesma decisão. Portanto, camaradas, tal como antes, hoje o nosso Partido e o nosso povo têm na República irmã da Guiné um companheiro permanente na nossa luta pela paz, progresso e felicidade dos nossos povos e aliança indestrutível na luta contra o imperialismo, colonialismo e o neo-colonialismo».

(Continua na página 2)

(Continua na página 8)

Terminou a visita ao nosso país do Ministro do Interior senegalês



Jean Collin

Regressou na tarde de ontem ao Senegal, o Ministro do Interior, Jean Collin, acompanhado de sua esposa que se encontrava desde segunda-feira no nosso país, para uma visita oficial, a convite do camarada Constantino Teixeira (Tchutchu Axon) membro do CEL do Partido e Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública.

Durante a sua estadia na Guiné-Bissau, o Ministro senegalês teve conversações com o Comissário de Estado de Segurança e Ordem Pública. As duas delegações trocaram pontos de vista sobre as relações bilaterais entre os dois países, principalmente no domínio da Segurança e Ordem Pública. Segundo o texto do comunicado conjunto ontem divulgado, «as conversações entre as duas delegações desenvolveram-se numa atmosfera de fraternidade e cordialidade, exprimindo assim a vontade das duas delegações de estabelecer contactos frequentes entre os dois países e povos, no intuito de estreitar os laços de amizade e de cooperação já existentes. «As duas partes felicitaram-se pela atmosfera amistosa e confiante de que se revestiu a visita do Ministro do Interior e pelo clima de profunda compreensão que existiu durante as conversações a todos os níveis».

ANGOLA

A data histórica de 4 de Fevereiro, aniversário do desencadeamento da luta armada contra o colonialismo português, por parte dos patriotas angolanos, foi assinalada pelos nossos dirigentes com o envio de fraternais saudações aos camaradas do MPLA que prosseguem o seu combate libertador por todo o território angolano.

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, diz na sua mensagem para o ca-

marada Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola, que «os heróicos militantes do MPLA que a 4 de Fevereiro de 1961 deram os primeiros golpes na odiosa máquina opressiva do inimigo comum, abrindo capítulo glorioso da história da luta armada de libertação das nossas Pátrias ganharam um lugar no coração do nosso povo».

(Continua na página 3)

PAIGC



Nas páginas centrais da edição de hoje, o camarada Luís Correia, membro do CEL do Partido e responsável nacional da Polícia recorda para os leitores do «NÃO PINTCHA» as primeiras acções de sabotagem e de rebentamento de bombas nas cidades como preparativos para o início da guerrilha urbana, que o 25 de Abril veio impedir se desenvolvesse em pleno.

(Páginas 4 e 5)

CABO VERDE

O camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro da República de Cabo Verde continua a sua viagem pelos países socialistas europeus. Está na Hungria desde quarta-feira à noite e antes de

abalar para terras magiares assinou em Berlim um acordo de cooperação cultural e científica entre a República Democrática Alemã e a República de Cabo Verde.

(Página 3)

MOÇAMBIQUE



Em Moçambique, o camarada Presidente da FRELIMO, Samora Machel, aproveitou a data dos Heróis da Libertação (3 de Fevereiro, dia do assassinato de Mondlane) para anunciar importantes decisões a favor do povo moçambicano. Para além da mudança do nome da cidade de Lourenço Marques que passa a chamar-se Maputo, o Governo nacionalizou todos os prédios urbanos, podendo cada família conservar para si, apenas, a habitação própria e uma casa de praia ou de campo.

(Ver página 7)

Farim prepara eleições para a Assembleia

FARIM — Deslocou-se à povoação de Cuntima, para contactos com o responsável local, o camarada Jorge Barai. Presidente do Comité de Estado do sector de Farim.

Na reunião que teve com aquele responsável, tratou de vários assuntos, entre os quais o recenseamento da população e o envio do mesmo à sede do sector, num prazo de 15 dias, para que se proceda à eleição de novos Deputados à Assembleia Nacional Popular.

O Ministro do Interior do Senegal terminou a visita ao nosso país

(Continuação da 1.ª pág.)

Ainda segundo o comunicado conjunto, «no final da visita o Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública, agradeceu, em nome da sua delegação e ao seu nome próprio, ao povo senegalês, ao seu Partido e ao seu Governo pela ajuda firme que esse país não tem deixado de prestar ao nosso povo».

O Ministro de Estado senegalês, agradeceu ao seu homólogo, camarada Constantino Teixeira, ao nosso povo, ao Partido e ao Conselho de Estado, «pelo acolhimento fraternal e caloroso», que lhe fora dispensado e à sua delegação, durante a estadia na República da Guiné-Bissau.

Ainda na parte da manhã de ontem, os dois ministros visitaram a cidade de Cacheu, sede da Região do mesmo nome.

VISITAS A BUBAQUE E BOLAMA

Na continuação da sua visita ao interior do País, o Ministro senegalês, Jean Colin, acompanhado de sua esposa e do camarada Constantino Teixeira, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública, deslocou-se anteontem a Bolama e Bubaque.

Em Bolama, os visitantes foram recebidos pelos camara-

das Francisca Pereira, membro do CSL do Partido e Presidente do Comité de Estado da região de Bolama, Abdulai Canté, Presidente do Comité de Estado do sector de Bolama, Justino Inácio Gomes, responsável adjunto de Segurança da região, delegados dos comités do Partido, da JAAC, de pioneiros e responsáveis de departamentos públicos.

Depois das boas-vindas, realizou-se um pequeno comício em frente da residência do Presidente do Comité da Região. A camarada Francisca Pereira salientou que o povo senegalês está ligado a nós, por mais que uma fronteira artificial, tal como a Guiné-Conakry. «Se não tivéssemos fronteiras com esses dois países amigos» — disse — «a nossa vitória seria certa mas, bastante mais difícil».

NÃO PODEMOS ESQUECER OS LAÇOS QUE NOS UNEM

A camarada Francisca Pereira disse que o povo do Senegal também sofreu ao lado do nosso povo, perdeu pessoas como nós perdemos, nas fronteiras, durante a nossa luta de libertação nacional. «Por isso não podemos esquecer os laços que nos unem».

O Ministro Jean Colin saudou a população de Bolama dizendo que aquela manifestação de carinho, visava o povo senegalês, o seu Partido e o seu Governo. «Reafirmo-vos que o povo senegalês está desejoso de reforçar os laços de amizade e cooperação com a Guiné-Bissau» disse ele.

«Para terminar, falou o camarada Constantino Teixeira, reafirmando mais uma vez a confiança que o nosso Partido tem no povo de Bolama, «um povo que não deixou que o colonialismo penetrasse completamente em Bolama».

Depois do comício, a comitiva ministerial visitou a cidade, Escola Piloto, Jardim Escola, Escola de Formação de Professores, Imprensa Nacional, a Escola de Enfermagem e o Ciclo Preparatório.

Em Bubaque, a delegação foi recebida pelo Presidente do Comité de Sector, camarada Agostinho Roberto Pereira

Depois da recepção no aeroporto de Bubaque o Ministro do Interior e a comitiva que o acompanhava, deslocaram-se a Bruce onde almoçaram. No fim da tarde regressaram a Bissau.

Ontem, antes da partida para o Senegal, o Ministro do Interior deslocou-se à região de Cacheu.

RESPONDE O POVO

“Acredita no irã?”

«O Subdesenvolvimento económico, em que os colonialistas deixaram a nossa terra ao fim de 500 anos de presença retrógrada e opressiva, marca o nosso povo profundamente na sua cultura, na sua visão da vida e do mundo, nos seus receios perante os fenómenos cuja natureza não consegue apreender na sua verdadeira significação científica.

Aí encontra a explicação de muitas atitudes, como sejam o receio permanente da trovoadas e a doença; aí vão bater muitas das reacções que os receios provocam: recurso aos mitos, transferindo para eles os desejos de solução dos problemas que nos ultrapassam por não termos ainda meios materiais de os suplantar.

Estes males vão diminuindo à medida que o desenvolvimento alarga os seus efeitos à medida que as massas populares têm acesso à instrução e

à cultura, à medida que o intelecto fica apto a apreender a explicação científica dos fenómenos naturais.

Até lá, há que paulatinamente ir esclarecendo o povo mais humilde, na certeza de que crenças como a que tem no Irã se apagam por decreto. Hoje, o inquirido de rua incide sobre o tema e baseia-se na pergunta «Acredita no Irã?»

HERCULANO JOSÉ BARANBÉ GOMES
(Estudante)

«Pessoalmente não acredito no irã, mas geralmente existem muitas pessoas que acreditam, chegando ao ponto de lhe dedicarem cerimónias de várias espécies».

«A razão que me leva a não acreditar na existência do irã é porque além de nunca o ter visto, não tenho provas concretas que possam apresentar esse facto».

«Actualmente a maior parte dos indivíduos que já adquiriram uma certa evolução no campo científico não acreditam o mínimo sequer na existência do irã, porque dizem que não existe nenhuma força superior ao ser humano».

ANSUMANE TURÉ
(Empregado comercial)

«Não acredito no irã, porque para mim ele não existe.

Se tiver algum proble-

ma difícil que queira resolver, nunca irei ao irã, mas sim procuro resolvê-lo por mim próprio».

«Não há nada no mundo que um ser humano não possa resolver. Ele é um ser inteligente e superior a qualquer outro».

«A ida do homem à lua não foi certamente ajuda do irã, mas sim a inteligência do homem que o permitiu a tal».

Camaradas vejamos: se existe na realidade irã, porque é que não protegemos os nossos combatentes luta contra o colonialismo português para a libertação total das nossas terras, em termos de não morrerem em grande quantidade como aconteceu? Repito e torno a repetir que para mim não existe e nunca existiu esse ser».

LUIS LEOPOLDO LEDO PONTES
(Funcionário da JAPG)

«Não posso dizer que acredito ou não no irã, mas sim que existe um ente superior ao ser humano. E também não sei se esse ente é Deus ou irã».

Em relação às pessoas que acreditam no irã, posso dizer que nem todos têm a mesma seita ou seja a mesma religião. Logo, a partir daí vemos que uns acreditam em Deus e outros no irã chegando mesmo, a agoirar variadíssimas coisas como por exemplo no poilão, enfim coisas deste género».



Ansumane Turé

NÔ PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado da Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sal às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2550

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3718/3728

Administração e Publicidade: 3720

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400500
6 meses 250500

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano 500500
6 meses 300500

Serviços de Distribuição e Venda de «NÔ PINTCHA»

Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE «CENTRAL» Rua Vitorino Costa, telefone 2453.
AMANHÃ «HIGIENE» Rua António N'Bana, telefone 2520.

SEGUNDA-FEIRA «MODERNA» Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

- Hospital Simão Mendes: Banco — 2266/2267
- Bombeiros — 2222
- Polícia: 1.ª Esquadra — 3333, 2.ª Esquadra — 2444
- Correios: 2600
- Informações — 2600
- Rádiodifusão Nacional — 2430
- Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)
- TAP — 3991/3
- Serviços Municipais: Água e Electricidade — 2411 (das 7 às 17 horas)
- Assistência à rede eléctrica — 2414 (das 16 às 24 horas)
- Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES: Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.
NOTICIÁRIOS: As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.
AGENDA DO DIA: As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18,30 horas «JOE DAKOTA» m/13 anos e às 20,45 horas «ENCONTRO COM A DESONRA» m/18 anos.
SEGUNDA-FEIRA — As 20,45 horas «O DIREITO DE NASCER» m/14 anos.

A viagem de Pedro Pires à Europa

Acordo de cooperação cultural e científica assinado com a R. D. A.

BERLIM (ANOP) — Foi assinado um acordo de cooperação cultural e científica entre os governos de Cabo Verde e da República Democrática Alemã no final da visita que o camarada Pedro Pires, membro do CEL do PAIGC e Primeiro-Ministro do governo caboverdiano acaba de fazer à RDA.

O camarada Pedro Pires, que entretanto vai já no seu terceiro dia de visita à Hungria (segunda fase desta deslocação oficial a países socialistas europeus) deu uma conferência de Imprensa antes de abandonar Berlim.

Depois de se referir às conversações que foram travadas no interesse comum dos dois países, a Agência Noticiosa Portuguesa transcreve palavras do Presidente do Conselho de Ministro da RDA, Horst Sindermann durante o jantar oficial por ele oferecido ao Primeiro Ministro do Governo da República irmã de Cabo Verde.

Durante esse jantar, Horst Sindermann declarou nomeadamente que «a República Democrática Alemã, parte do facto de que o imperialismo não mudou o seu carácter e tenta, por todos os meios,

travar o progresso do mundo». Por isso a RDA apoia a heróica luta anti-imperialismo dos povos da Ásia, África e América Latina».

«Do mesmo modo, a República Democrática Alemã apoia a luta de libertação da República de Angola e condena veementemente todas as maquinações que têm por fim impôr ao povo angolano um regime neo-colonialista».

Entretanto, um telegrama da Delegação Caboverdiana informa que o Primeiro Ministro, camarada Pedro Pires, visitou na RDA a Porta de Brandeburgo, a Cooperativa Agrícola Primeiro de Maio, e a Escola Superior de Engenharia Agrícola.

O camarada Primeiro Ministro foi também recebido pelo Primeiro Secretário do Partido Socialista Unificado da Alemanha, Erich Honecker e pelo Presidente do Conselho de Estado da RDA, Willi Stoph.

A noite, o Primeiro Ministro de Cabo Verde ofereceu um jantar às altas individualidades do Estado e do Partido Socialista Unificado da Alemanha, na residência oficial que lhe foi destinada.

O COMUNICADO CONJUNTO CONDENA A INTERVENÇÃO IMPERIALISTA EM ANGOLA

BERLIN (ADN) — Ao concluir-se a visita do Primeiro Ministro da República de Cabo Verde à RDA, as duas partes distribuíram um comunicado conjunto em que se dá conta dos assuntos discutidos e das decisões tomadas durante a estadia do camarada Pedro Pires na Alemanha Democrática.

Os dois Primeiros Ministros condenam vigorosamente a intervenção do imperialismo e a agressão da República da África do Sul, contra a República Popular de Angola, aspirando impôr um desenvolvimento neo-colonialista ao Povo Angolano.

As duas partes declaram que os seus povos e Estados estão prontos a partir dos princípios de Solidariedade Anti-Imperialista e da Carta das Nações Unidas, a fornecer uma ajuda futura consoante as suas capacidades, ao povo Angolano, em luta heróica, dirigida pelo MPLA.

Pedem igualmente, com vigor, o exacto reconhecimento do Direito Legítimo do povo Angolano à Independência, à Unidade Nacional e à integridade territorial.

Os futuros sucessos na luta contra o Imperialismo, o Colonialismo e o Néo-Colonialismo, dependem, em grande medida da força e da unidade crescente das acções comuns da comunidade Socialista e dos Estados Não-Alinhados, assim como todas as outras forças progressistas do Mundo.

No fim da visita da delegação, as duas partes assinaram um acordo de cooperação no domínio cultural e científico e um protocolo sobre a cooperação cultural, científica e técnica, entre a República Democrática Alemã e a República de Cabo Verde, para o período de 1976 a 1977.

O Secretário do Comité de Solidariedade da R.D.A., camarada K. Krueger, enviou uma carta de Solidariedade ao camarada Pedro Pires com o compromisso de continuar a ajuda de Solidariedade da R.D.A. para a República de Cabo Verde e pôr à sua disposição um milhão e meio de Marcos para este fim.

As conversações com Portugal em Conselho de Ministros

O Governo de Cabo Verde prepara os assuntos e a estratégia das negociações que uma delegação do País irmão vai brevemente realizar a Lisboa com representantes do Governo Português. A delegação será chefiada pelo camarada Osvaldo Lopes da Silva.

Para esse fim, reuniu-se em sessão extraordinária no passado dia 3 o Conselho de Ministros, sob a presidência do camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde. As negociações com Portugal eram o único ponto da ordem do dia.

No dia 4 a delegação voltou a reunir com o camarada Presidente da República, tendo participado no encontro os camaradas Abílio Duarte, membro do CEL do Partido e Ministro dos Negócios Estrangeiros, Amaro da Luz, Ministro das Finanças e Osvaldo da Silva, Ministro da Economia, que chefiará a delegação.

O PAÍS

4 de Fevereiro: mensagens para o povo angolano

(Continuação da 1.ª página)

Depois de exprimir total confiança na vitória da RPA contra os inimigos internos e externos, o camarada Presidente felicita os gloriosos combatentes da FAPLA «pelas derrotas vergonhosas que vêm infligindo aos invasores, em todas as frentes» e ao Governo da RPA, sob a direcção do MPLA, «pelas vitórias significativas na afirmação da República Popular de Angola no plano internacional».

Também o camarada Francisco Mendes, Comissário Principal do Conselho de Comissários enviou saudações ao seu homólogo angolano, camarada Primeiro-Ministro Lopo do Nascimento. «Estamos seguros que nenhuma força poderá impedir a vitória total do MPLA sobre a agressão estrangeira e a reacção interna», diz o camarada Chico Té.

«Aproveitamos esta ocasião para reafirmar ao Povo angolano seu Partido, seu Governo legítimo o nosso total apoio à justa causa do povo angolano», acrescenta ainda o camarada Comissário Principal.

Por outro lado, assinado pela camarada Carmen Pereira, a Comissão Nacional das Mulheres do PAIGC, remeteu para a OMA (Organização das Mulheres Angolanas) «saudações militantes e revolucionárias». Afirma-se ainda neste telegrama, subscrito pela camarada Carmen Pereira, membro do CEL do Partido e vice-presidente da Assembleia Nacional Popular, que «o povo angolano sob a direcção do MPLA sairá vencedor da agressão estrangeira e da traição dos inimigos internos encabeçados pela UNITA e FNLA».



Amílcar Cabral

“Temos que trabalhar para fazer progredir o nosso campo, tanto no plano cultural, como noutros planos”

«Por isso mesmo, um jovem balanta quando chega o momento de festejar a sua passagem para pessoa adulta, pode contar os roubos que fez, para mostrar o seu valor a sua capacidade e os homens grandes gabam-no e ficam contentes se se trata de um filho seu, porque é uma pessoa de muita categoria. Roubos nas cidades não. O ladrão da cidade, rouba para dar de comer à sua gente, ou então para se enriquecer. Além daquele outro tipo de roubos que no comércio, por exemplo, é legal, roubo legal».

«Devemos saber comparar o nosso mato com a nossa cidade, para evitarmos que todas as limpezas das cidades venham para o mato e para levarmos para as nossas cidades as purezas que possam existir no nosso mato. Repito que isso não quer dizer que no mato não haja coisas más, Há muitas coisas más, até questões de sacrifícios, do bater nas crianças, etc. É medonha a maneira como se bate nas crianças na nossa terra. Temos que combater isso também. Não podemos partir do princípio que o mato é puro, que não tem nada mal e que a cidade é que é má. Não, tanto na cidade como no mato há coisas más, e coisas boas, só que, comparativamente, a cidade é menos pura do que o mato. E temos que trabalhar para fazer progredir o nosso campo cada dia mais, tanto no plano cultural, como noutros planos».

«Temos que desenvolver no nosso povo inteiro, camaradas, desde de hoje, nos nossos combatentes, como nos nossos militantes e na nossa população, esta consciência: quando um ser humano está a fazer um trabalho, deve fazê-lo bem perfeitamente, e o mais rápido possível e da maneira mais simples. Devemos desenvolver no nosso espírito, no espírito da nossa gente, a ideia de perfeição. Nós não temos ainda muito bem o espírito da perfeição. Vejam aquela cortina, não há um camarada que seja capaz de ver isso e se levante para arranjar. Um prego que se põe na parede, uma roupa que se faz, se fica torto, não é problema para nós. Nós não temos bem a ideia de perfeição. Temos que combater esse espírito, para incutir na nossa gente o espírito da perfeição. Se é uma emboscada que fazemos, vamos fazê-la o melhor possível. Um camarada que foi à preparação no estrangeiro, ou que ter já conhecimento bastante, sabe como se faz uma emboscada: deve colocar tal arma em tal lado, outra arma em tal lado, tantos homens ali, tantos lá, tantos de reserva, etc., atacar o inimigo em tal ponto. Quantos camaradas fazem isso, quantos? Quando fazem bem o resultado é extraordinário, mas os camaradas em geral não se lembram disso».

«Tanto numa emboscada como numa reunião, em que têm que falar. Numa reunião, o camarada tem que falar, mas nem apontamento toma, nada, fica só a inventar. Ele pode valer-se muito da conversa, mas tem que estudar um bocado, lembrar as coisas. Hoje há uma reunião com a tal tabanca, é preciso sentar-se e pensar nos problemas que há com essa tabanca, tomar as notas necessárias. É um comissário político, o Partido tem confiança nele, ele é que é o Partido nesse momento; como é que ele vai conversar só por conversar. É preciso estudar, não é preparar um discurso inteiro, não vale a pena fazer um discurso inteiro para a nossa gente, no mato. E às vezes vale a pena mas é preciso tomar nota de todos os problemas, pensar nos problemas que se vai discutir. Isso é muito importante. Reuniões de responsáveis, em que cada um quer ir para a reunião, mas que ninguém sabe o que vai lá dizer».

Com Spínola na mira

Desde os tempos de juventude em que começou a ouvir falar do Partido e do seu projecto político, até ser nomeado para o importante lugar que hoje ocupa na hierarquia do Partido e do Estado, o camarada Luís Correia levou uma agitada e sacrificada vida de luta. Recordamos parte dela, nas suas próprias palavras (o depoimento conserva, assim, uma maior vivacidade), com destaque para tentativa de eliminar, fisicamente, o fascista Spínola, comandante chefe e governador dos colonialistas portugueses.

«Eu era mecânico da casa Gouvêa, em 1960, e com os colegas conversava sobre os problemas da nossa terra mas, não sabia da existência do Partido. Havia um camarada chamado Colbert que já sabia do Partido, mas durante as nossas conversas nunca dizia nada. Em 1961 esse camarada começou a ter confiança em mim, devido às nossas conversas e, um dia, depois do serviço convidou-me a ir a casa dele.

Mostrou-me os panfletos que o Partido mandava para Bissau, esclareceu-me sobre o PAIGC e o que é que ele queria. Nos últimos meses de 1961, comecei a aparecer nas reuniões clandestinas que se faziam em Bissau. Recebíamos instrução de pistolas, a partir dessa altura, começaram a nomear-me para trabalhos de mobilização».

«Em 1962, soube que estava a ser perseguido pela PIDE. A pessoa contratada para me vigiar era um indivíduo chamado Joãozinho e, nessa altura tive que me retirar para o mato. Fugí juntamente com um camarada chamado Beniamim Correia (Empanta). Chegamos a Samine e encontramos os camaradas Tiago, Tchutchu, Chico Té e outros camaradas que já estavam integrados no Partido. Eles tinham uma missão aqui em Bissau e nós voltámos com eles». «Depois nomearam-me, a mim e aquele camarada que tinha fugido comigo para as áreas de Begimita, para o trabalho de mobilização. Fomos descobertos e prenderam-nos; mas, como vestíamos paño, eles confundiram-nos com a população da área. Nas perguntas que eles nos fizeram, fingimos que não percebíamos crioulo. A seguir tomamos a direcção da fronteira. Voltamos, algum tempo depois, com o camarada Tiago para continuar a mobilização da área de Nhacra.

«Como as coisas começaram a ficar mal, os tugas começaram a mobilizar a população contra nós. Aqueles que estavam connosco eram maltratados, queimavam as suas tabancas e eram torturados. Depois dessas torturas, a população começou a pedir armas dizendo que só com a luta armada, conseguia enfrentar os colonialistas. Com essa ideia de luta armada, fomos para a fronteira apesar de todas as dificuldades».

«Em Janeiro de 63, organizamos os primeiros homens armados e entrámos em Morés. Nessa área, fiquei como

comandante de um grupo de guerrilha, na base central de Morés. Fizemos operações em vários pontos e, em 19 de Dezembro de 1964, fui chamado pela Direcção geral do Partido para Caurané, onde ia ser formado o primeiro exército do Partido. Nomeado Comissário Político, comandi um b-grupo nas áreas de Gabú, para abrímos a frente de luta nessa localidade. Estavam comigo os camaradas Domingos Ramos, Malam Quetá, Augusto da Costa e outros camaradas

Tínhamos cerca de 200 homens. Estive naquela região até 1966, data em que fui chamado para um estágio de Segurança em Cuba. Em 1967 voltei do estágio e segui para o Norte do nosso País. Em 1968 tomei conta da inter-região do Norte, como responsável geral da segurança até 1970, no momento em que Spínola no chão manjaco, tentava aliciar os nossos camaradas das Forças Armadas, para assim puder apoderar-se da região de Cantchungo».

«Como sabemos, Spínola, era um grande fascista, e não dava valor ao homem africano, pensando ele que o homem africano não conhecia os seus direitos, e que o homem africano era manejado de qualquer maneira. Spínola ainda pensava que os africanos que estavam a lutar, não tinham noção do que faziam. Nessa tentativa, mostramos-lhe que devia dar consideração ao homem africano e desenganar-se a si próprio que, os camaradas do PAIGC sabiam bem por que estavam a lutar e qual era o seu dever perante o seu povo. Mesmo o nosso povo estava consciente dos seus sacrifícios».

«Spínola mandou os seus melhores colaboradores do Estado Maior, aqueles que tinham feito com ele a guerra em Angola, para contactarem um dos nossos comandantes e tentarem aliciar as nossas tropas. Logo que eles contactaram com os Comandantes, estes avisaram o seu Comandante geral que nessa altura, era o camarada André Pedro Gomes que lutava nessa região. Eles escreveram-me uma carta, pondo-me a par do assunto. Desloquei-me do local onde estava e fui ter com eles, para organizarmos melhor o que devíamos fazer. Escrevemos uma carta à Direcção geral do Partido onde demos conhecimento do que Spínola queria fazer no chão manjaco, explicando qual era o nosso programa em relação ao Spínola: fazer-lhe ver que o homem africano é um homem como outro qualquer».

«O nosso programa era o seguinte: primeiro fazê-lo acreditar que nós iam entre gar-nos; segundo, depois de ter toda a confiança em nós, liquidá-lo ou prendê-lo com os que o iam acompanhar e não davam valor, ao homem africano».

«O chão manjaco era uma região difícil para combater porque é bastante longe e nós tínhamos que carregar as nos-

(Continua na página 8)



Camarada Luís Correia, Comandante da Polícia e Ordem Pública, fazendo declarações ao «NÔ PINTCHA»

As primeiras sabotagens nos centros urbanos, como fase preparatória da guerrilha nas cidades, na fase final da nossa luta de libertação nacional, são hoje recordadas para os leitores de «NÔ PINTCHA» pelo camarada Luís Correia, membro do Comité Executivo da Luta do PAIGC e comandante da Polícia e Ordem Pública.

Como responsável pela segurança nas inter-regiões Norte, o camarada Luís Correia coordenou as secções de sabotagem, nomeadamente as mais importantes: bombas colocadas no carro de um sub-chefe da Polícia, junto à UDIB, na pensão Ronda (no dia de Carnaval de 1972) e outra que explodiu no Quartel General, em Santa Luzia. Pela desmoralização que provocaram no inimigo, pela intranquilidade em que o lançaram, pois já nem na capital podia dormir sossegado, estas acções destinavam-se a convencer os oficiais de que a guerra estava perdida e deviam fazer pressão para abandonar a nossa Pátria. Daí a sua importância, e também a importância do depoimento que nos prestou o camarada Luís Correia.

LUTA CLANDESTINA NOS CENTROS URBANOS

«No ano de 1972, numa reunião do Conselho Superior de Luta do Partido, reunião que se fazia todos os anos para balanço da nossa luta armada, vitórias, erros, coisas que não foram cumpridas e as que deviam ser executadas imediatamente, o camarada Cabral chamou à responsabilidade os camaradas para lerem as palavras de ordem e pô-las em prática. Numa dessas palavras de ordem, o camarada Cabral chamava a atenção para a luta clandestina nos centros urbanos. Então, todos os camaradas tomaram medidas para a organização desse trabalho. Naquela altura, esse trabalho clandestino não estava muito forte».

«Nessa altura, os oficiais «tugas» estavam aqui em Bissau, onde se sentavam tranquilos para pensarem nas questões de guerra».

«Numa dessas palavras de ordem, o camarada Cabral dizia, assim:

«Se não mexermos nos pontos

de apoio dos «tugas», onde depois de alguns dias no mato, eles vão, depois, descansar, a nossa luta nos centros urbanos não avança».

«O serviço de Segurança, tinha uma parte bastante activa na organização desse trabalho de sabotagem nos centros urbanos. Além de outros problemas militares, o trabalho clandestino, organizado em todos os centros urbanos e especialmente para Bissau, incluía as sabotagens».

«Começamos a melhorar esse trabalho, para não deixar que os «tugas» se sentissem seguros nem em Bissau. Como sabemos, nós já tínhamos centros de trabalho clandestino em Bissau, mantínhamos ligações com os camaradas em Bissau e nos outros centros urbanos. Haverá trabalho de informação, político e também trabalho de sabotagem. Camaradas do Partido que asseguravam as ligações vinham até mesmo a Bissau; apesar de todas as barreiras que os «tugas» fizeram à volta de Bissau, nada impediu que o nosso povo entrasse em contacto com o Partido. Os camaradas que vinham a Bissau, eram escondidos pelo nosso povo e guiado por caminhos que devia passar, até chegar à cidade. Aqui, faziam reuniões e organizavam todo o seu trabalho, até nova viagem».

«A PIDE organizara a sua forte rede dentro de Bissau. Conseguiu detectar um ou outro, mas, não conseguiu fazer com que o nosso trabalho nos centros urbanos parasse. Os camaradas organizaram a massa popular em cada ponto, até soldados dentro dos quartéis onde recebiam instruções sobre as bombas, como é onde é que as deviam pôr para eliminar esta ou aquela pessoa e assim mostrar aos «tugas» que, mesmo dentro de Bissau, não podiam ter sossego».

«Depois de um dos rebentamentos, Spínola fez um discurso onde ameaçou a população em geral, principalmente a população de Bissau. Os colonialistas ficaram a saber que não podiam privar o Partido de entrar em Bissau, apesar de minas, arame farpado e controles rigorosos, à volta da cidade».

DIA DE CARNAVAL: BOMBA NA «RONDA»

«Nos primeiros tempos, colocámos uma bomba na UDIB,

A preparação (bombas e sa recordada por

no carro do sub-chefe da Polícia, de nome Ângelo. Essa bomba destruiu o carro e o sub-chefe ficou ferido. Foi posto uma bomba na estação de gasolina da Casa Gouvêa. Houve só um ferido, pois a nossa intenção era apenas destruir aquela estação para alertar o povo e avisar aqueles que diziam que o Partido não era capaz de alcançar Bissau. Os «tugas» não quiseram esclarecer a população de que a guerra, para eles, estava bastante mal. Enganaram a população nas reuniões, como na Acção Nacional Popular, para dizer que tudo aquilo era obra de um grupinho, que se encontrava no mato da fronteira, um vinha fazer sabotagem e voltava para a fronteira em seguida. O Spínola dizia isso à população e até tinha coragem de o dizer aos estrangeiros».

«Como sabem, aqui, neste edifício, onde falo, era a PIDE. Até passar a porta era proibido. O nosso povo quase não passava neste passeio. Quando vem alguém aqui, ao Comissariado de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública, entra, senta-se e olha para todos os sítios e diz que nem podia olhar para aqui. Os guardas perguntavam: «O que estás a ver?». Ou então, essa pessoa era logo presa. Por isso, o PAIGC mandou pôr aqui uma bomba, que rebentou uma porta».

«Os «tugas» que eram enviados para o mato, passavam muito mal, desanimavam completamente, e até tinham conflitos com os oficiais, porque sentiam toda a pressão da guerra, a força da guerrilha, que os batia em cada momento. Nos quartéis, não os deixávamos dormir; quando acordavam, não sabiam se iam

da guerrilha urbana (botagens) Luís Correia

deitar-se à noite; à noite, não sabiam se acordavam vivos. Até certa altura mandavam-nos para Bissau descansar um bocado para então voltarem. Isso dava-lhes mais força e animava-os. «Quando chegavam aqui, passavam a vida nas pensões, atrás das mulheres e faziam as suas festas nas pensões. Para acabar com isso e para os deixar com medo de saírem e sentarem-se nas pensões, em festas, a Direcção do Partido, resolveu pôr bombas nos lugares que eles frequentavam mais».

«No dia 26 de Fevereiro, de 1972, dia de Carnaval, a pensão Ronda encontrava-se cheia de «tugas» que tinham vindo do mato para descansar. Pusemos uma bomba. Houve vários feridos e mortos e isso criou um insossego entre eles. Viram que nem em Bissau e arredores podiam descansar. O único remédio era regressarem às suas terras».

«Logo em seguida, começámos a fazer sabotagem nos carros dos oficiais e nos das repartições. Eles passavam a vida a comer e dormir, não conheciam o que era a guerra, não queriam que ela terminasse pois estavam a viver bem. Nós criamos-lhes o insossego e a descon-fiança».

No Quartel General foi colocada uma bomba e, o comandante teve sorte porque no momento em que estava ausente, a bomba explodiu. Mas, no seu espírito, ele sentiu que não estava seguro em Bissau».

«LEMBRAR A FORÇA AÉREA OS CRIMES COMETIDOS»

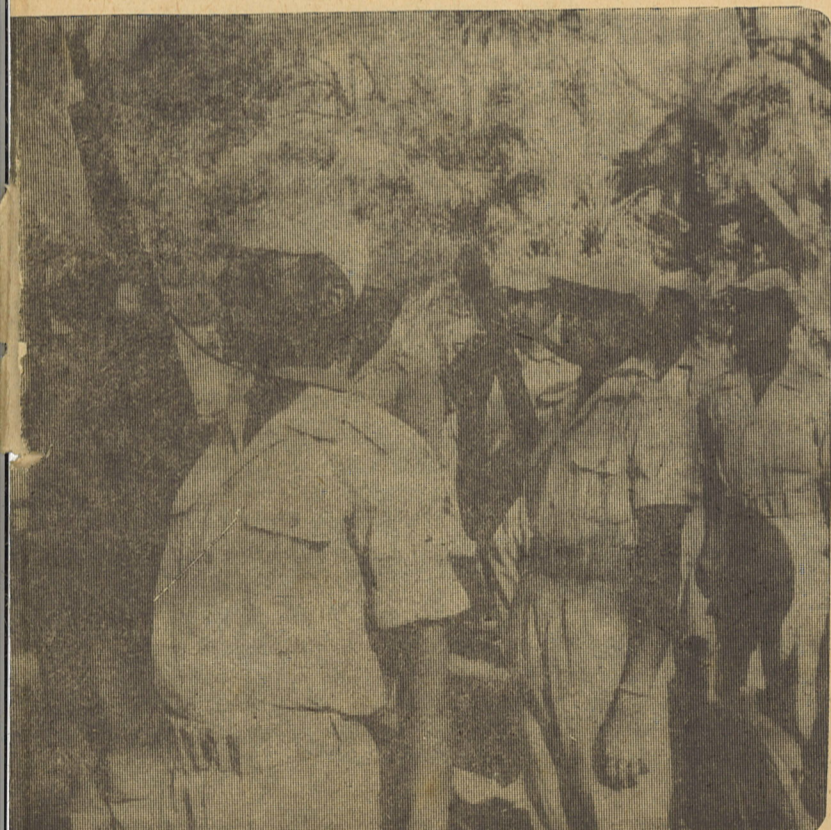
«Os oficiais da Força Aérea tinham um autocarro que os

transportava para a Base. Nessa altura, os oficiais da Força Aérea tinham como trabalho só bombardear. Passavam melhor a guerra, porque iam para o mato, bombardeavam e quando chegavam, diziam: «Já acabei com aqueles «bandidos». Saíam, iam para as pensões tomar a sua cerveja e, quando chegava a hora, iam de jacto bombardear tudo, sem cuidar de saber se tinham morto crianças, velhos, aleijados, soldados ou não. Só sabiam que tinham morto «bandidos» e nada mais. Nesse autocarro onde eram transportados para a Base, metemos uma bomba: afinal, nesse dia, eles atrasaram-se e antes de entrarem, a bomba explodiu. Também aconteceu a mesma coisa no carro dum oficial da Força Aérea. Mas este não conseguiu salvar-se, pois voou com o carro e tudo. Isso fez um efeito moral em todos os oficiais que estavam aqui e que pensavam que não havia guerra».

«Sentiram-se desanimados, perante esta sabotagem, e viam de perto que nunca poderiam ganhar a guerra».

«Em Bula, organizamos sabotagem com alguns soldados dos quartéis e com as populações que os «tugas» tiraram das tabancas, para as colocar à volta dos quartéis, pensando que essas populações eram a sua segurança por ficarem dentro do arame farpado que rodeava os quartéis. Porém, era essa mesma população, em ligação com o Partido que colocava as bombas. Colocaram uma em Bula, na pensão de um indivíduo chamado António. Houve vários feridos e mortos. Os «tugas» procuravam esconder ao máximo a realidade da guerra. Logo que essa bomba explodiu

(Continua na pág. 6)



Indigente Luís Correia recebendo instrução militar

SAHARA OCIDENTAL

OFENSIVA EM GRANDE ESCALA DA FRENTE POLISÁRIO

ARGEL (APS) — A representação em Argel da Frente Polisário publicou na passada quarta-feira um comunicado relativo à batalha de Auserd durante a qual os combatentes saarianos derrotaram as forças de agressão de Rabat e Nouakchot.

«Colocados em cheque pelo exército popular de libertação, declarou o comunicado da F. Polisário, que lhes inflige diariamente pesadas perdas desde há mais de três meses, as forças de invasão monarquistas e seus auxiliares de Nouakchot desencadearam uma vasta ofensiva para tentarem sair da sua situação catastrófica. Com esta ofensiva as suas forças esperam assim obter a supremacia no terreno e pôr termo à resistência saariana», declara o comunicado.

«E neste quadro que o exército de Ould Daddah, apoiado pelo de Dlimi, tentou ocupar Auserd pondo em jogo meios militares consideráveis e atacando em três frentes.

«As forças inimigas conseguiram atingir Auserd em 12 de Dezembro a preço de perdas severas entre as suas fileiras. Mas a resistência continuou e os invasores foram submetidos a desgastes sem conta.

«A batalha de Auserd constitui uma grande vitória das forças po-

pulares saarianas. Ela caracteriza-se pelas perdas muito pesadas dos invasores: importante material militar foi destruído ou recuperado.

«Os combates prosseguiram.

«Esta vitória mostra mais uma vez a determinação do povo saariano em impôr o respeito do seu direito à liberdade e a integridade territorial, direito que toda tentativa de regulamento ou de mediação deve ter em conta para que possa ter êxito, o que o nosso povo e a sua direcção desejam ardentemente para pôr termo a uma guerra fraticida e abrir a via à cooperação e a amizade entre os nossos povos.

A primeira condição para tal regulamento ficará bem definida — a retirada total das tropas de invasão», sublinha em conclusão o comunicado.

IMPASSE NA MEDIAÇÃO DA O.N.U.

RABAT (APS) — As tentativas de mediação entre Argel e Rabat a propósito sobre o Sahara Ocidental parecem ter fracassado.

A derrota apareceu na quinta-feira na imprensa marroquina assim como nas declarações da rádio de Argel e confirma as previsões dos observadores políticos e diplomáticos em Rabat. A missão do

ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita, emissário do rei Khaled, terminou rapidamente enquanto que Mohamed Housni Moubarak, vice-Presidente da República do Egipto e enviado do Presidente Sadate, desenvolveu esforços incansáveis fazendo mais que cinco viagens entre Argel e Fez.

Embora nada tenha ainda transpirado de fonte oficial sobre as conversações de Argel e de Fez, onde se encontra actualmente o rei Hassan II soube-se de boa fonte que o Marrocos mantinha-se exigindo que os argelinos evacuem todos os pontos que ocupavam — como Amgala — no Sahara recuperado pelo Marrocos.

O governo de Argel, mantem-se no seu preâmbulo: a autodeterminação e a independência para o povo saariano. Nestas condições todo o esforço de mediação parecia, desde o início condenado ao insucesso. Quanto a missão do enviado do Secretário-Geral da ONU, que parece dever se limitar a uma visita a Madrid e a El Ayoune, ela parecia já morta à nascença porque o Marrocos declarou categoricamente que considerava a questão como regulada e que o dossier não seria reaberto nas Nações Unidas. A Argélia ao contrário, esforça-se para repôr a questão perante as Nações Unidas.

OSPAA

Apelo às forças progressistas para reforçarem a solidariedade com a República Popular de Angola

LUANDA (TASS) — A Conferência Internacional Extraordinária de Solidariedade com a luta do povo angolano acabou os seus trabalhos quinta-feira passada na capital da República Popular de Angola. Mais de 80 delegações de diferentes países do mundo, organizações internacionais e nacionais, movimentos de libertação da África Austral vieram a este fórum para exprimir o seu apoio ao povo combatente de Angola.

Os delegados apreciaram a ajuda dada ao povo angolano pelas forças progressistas do mundo e dos países da comunidade socialista. Os participantes à Conferência adoptaram dois importantes documentos que apelam a reforçar a solidariedade com o povo angolano. Num documento dirigido à opinião mundial, a Conferência sublinha que a agressão contra o povo angolano desencadeada pelos racistas sul-africanos e apoiada pelos meios imperialistas internacionais representa uma grave ameaça aos interesses vitais de todos os africanos. Os participantes à Conferência declararam-se indignados com o recrutamento no Ocidente de mercenários para os agrupamentos fantoches do FN LA e da UNITA. A conferência convidou todos os países do mundo a reconhecer o governo da República Popular de Angola.

Uma declaração geral exigiu energicamente o termo da agressão contra a República Popular de Angola. Angola, sublinha esse documento, passou a ser o campo de batalha entre as forças progressistas e o imperialismo. Esta batalha tem uma importância capital para o futuro não só de Angola,

mas também de todo o continente Africano.

LUANDA (TASS) — A União Soviética e os outros países da comunidade socialista são verdadeiros amigos da República Popular de Angola e do seu povo, declarou Edward Ndlovo, representante da delegação do povo de Zimbabwé, na sua intervenção na Conferência Internacional Extraordinária de Solidariedade com a luta do povo angolano.

Ndlovo sublinhou que desde o começo da luta libertadora, os países socialistas tomaram sem reservas o lado do MPLA.

A vitória das forças progressistas em Angola inspirará todos os povos do mundo em luta pelo progresso social e a libertação nacional, declarou Edward Ndlovo.

Fácio Hugo, representante do partido comunista do Chile, salientou a solidariedade com a justa luta do povo Angolano.

OSPAAAL: ANGOLA CENTRO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

HAVANA (TASS) — O secretariado administrativo da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL) lançou um apelo à opinião internacional, às forças progressistas de todos os países a reforçar a solidariedade com a República Popular de Angola. Esta declaração sublinha que Angola é actualmente um dos centros de luta dos povos pela libertação e o re-

forço das suas independências, contra o imperialismo e as outras forças reaccionárias que procuram alargar a sua hegemonia a outros países. Uma agressão diplomática, económica e militar foi desencadeada contra a jovem república.

Os USA e os seus aliados usam a chantagem e as ameaças para impedir os outros países de reconhecer a nova república africana independente. O imperialismo empreendeu um bloqueio económico brutal contra a República Popular de Angola, lançou uma intervenção militar contra Angola utilizando as tropas racistas da África do Sul e os bandos de mercenários.

Graças à ajuda desinteressada dos países da comunidade socialista, as forças do MPLA têm vibrado golpes violentos nas forças dos separatistas e dos mercenários. Uma batalha decisiva para o futuro da África desenrola-se actualmente em Angola, sublinha a declaração da OSPAAAL. O documento chama os governos democráticos a condenar a agressão imperialista contra o povo angolano.

Um grupo importante de escritores que chegaram à capital cubana para participar aos trabalhos do júri do concurso literário da «Casa das Américas» publicou em Havana uma declaração de solidariedade com os patriotas angolanos. A declaração sublinha, que os povos de Angola lutam pela libertação de toda a África, contra todas as formas de colonialismo.

Vai começar a campanha de vacinação contra a paralisia infantil

A Poliomielite é uma doença contagiosa provocada por um micróbio (virus).

Adquire-se essa doença através das secreções da faringe, ao falar com pessoas doentes ou portadores são ou então através das fezes e água contaminadas.

Depois de contraída, a doença só se manifesta sete a 12 dias após o contágio.

Os sintomas da Paralisia Infantil aparecem sob forma de catarro com vermelhidão da faringe, dores musculares e articulares, febre, vômito, náuseas, diarreias, dores de barriga e reacção meningea com rigidez da nuca e aparição da paralisia que pode afectar um ou mais membros, mas geralmente nas crianças só afecta um dos membros inferiores.

Juntamente com estes sintomas aparecem também câibras e espasmos musculares até à instalação total do quadro clínico, dominado pela paralisia do membro ou membros atacados.

Em certos casos a doença é dominada pela paralisia dos músculos respiratórios e a evolução é por consequência fatal, acarretando quasi invariavelmente à morte.

Uma outra característica desta doença reside no facto de não existir tratamento específico para ela. Com efeito não há nenhum medicamento que tenha pelo menos 1% de acção eficaz contra a Poliomielite, restando apenas os cuidados especializados de enfermagem para aliviar os sintomas e prevenir as complicações.

É por isso que as medidas de prevenção da doença têm uma importância capital. A melhor

profilaxia da Poliomielite é baseada na vacinação específica. As crianças devem ser vacinadas entre os três meses e quatro anos de idade, ficando assim protegidas contra esta grave afecção.

É preciso pois que todos saibam que a Poliomielite, que tantas mortes e danos irreparáveis tem causado no nosso meio, é uma doença perfeitamente evitável.

É necessário que todas as mães, e pais também, se informem sobre a maneira de proceder para garantir aos seus filhos a protecção contra a paralisia infantil. Vai dar-se início a uma grande campanha de vacinação, extensiva a todo o País. Essa vacinação será gratuita e preve-se a vacinação de cinquenta mil crianças de três meses a quatro anos. Fora dos períodos de campanha de imunização qualquer mãe pode fazer vacinar o seu bebé desde a idade de três meses, quer no Centro de protecção materno infantil (Santa Isabel) quer comprando nas farmácias da cidade, onde se acaba de receber, uma vacina «TETRACOQ» que protege simultaneamente, através de uma injeção subcutânea mensal durante três meses sucessivos, contra o Tétano, a Difteria, a Tosse Convulsa e a Poliomielite.

A vacina antipoliomielítica que vai ser utilizada na próxima campanha dá-se sob a forma de gotas directamente na boca das crianças. É uma vacina absolutamente inofensiva, quer dizer, não provoca qualquer espécie de reacção.

LUÍS CORREIA

(Continuação da página Central)

rodaram completamente o local e ninguém conseguiu saber, ao certo, o resultado dessa bomba. Só as pessoas de confiança podiam entrar no local, pois sabiam que essas pessoas não iam contar a ninguém.

«Também no carro de um major que se encontrava em Bula, foi colocada uma bomba, por bons filhos da nossa terra que, apesar de se encontrar nas fileiras dos colonialistas sabiam o que deviam fazer pela sua terra. Esse oficial ficou ferido e, nunca mais soubemos se veio a morrer ou não, devido aos ferimentos. Em Bambadinca, metemos uma bomba no quartel, o que fez que a moral daqueles soldados caísse completamente. Por fim, tinham até medo de sair do quartel».

«Isso tudo foi uma parte da ofensiva das nossas guerrilhas. Elas lutaram de todas as formas, mesmo apesar de não ter sido necessário recorrer à guerrilha urbana em larga escala».

DESPORTO

FUTEBOL: O SPORTING GANHOU EM CATIÓ

Disputou-se na 4.ª-feira à tarde em Catió o jogo em atraso da primeira jornada do campeonato nacional de futebol, entre as equipas do Tombali e Sporting. O clube da capital venceu por três bolas a zero.

Com este resultado, o Sporting comanda, agora, a classificação com 14 pontos, seguido da UDIB e Benfica ambos a um ponto do guia.

Arrendamento no quiosque da avenida

De confirmidade com a deliberação tomada na Sessão Ordinária de 28 de Janeiro de 1976, torna-se público que pelo prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste anúncio, se aceita na Secretaria Geral da Câmara Municipal propostas para arrendamento de «QUIOSQUE DA AVENIDA», sito na Avenida Amílcar Cabral em Bissau.

As condições de concurso encontram-se patentes na referida Secretaria e poderão ser consultadas todos os dias úteis durante as horas normais de expediente.

É facultado ao actual arrendatário o direito de opção.

A base de licitação é de 15.000\$00.

Para que chegue ao conhecimento de todos, se fez este anúncio e outros de igual teor, que terão a publicidade devida, através da sua afixação nos lugares públicos de costume e divulgação pelos órgãos competentes de Informação.

Arrendamento do Super-Talho

De conformidade com a deliberação tomada na Sessão Ordinária de 28 de Janeiro de 1976, torna-se público que pelo prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste anúncio, se aceitam na Secretaria Geral da Câmara Municipal, propostas para arrendamento de Super-Talho do Mercado Municipal de Bissau.

As condições de concurso encontram-se patentes na referida Secretaria, e poderão ser consultadas todos os dias úteis durante as horas de expediente.

É facultado ao actual arrendatário o direito de opção.

A base de licitação é de 6.000\$00

Para que chegue ao conhecimento de todos, se fez este anúncio e outros de igual teor, que terão a publicidade devida, através da sua publicação ou afixação nos lugares públicos de costume e divulgação pelos órgãos competentes de informação.

PEQUENOS ANÚNCIOS

MUDANÇA DE NOME

Nos termos do n.º 1 do art.º 368.º do Código do Registo Civil, se faz saber que Bacar Seidi, solteiro, de 32 anos de idade, servente dos Serviços de Veterinária, natural de Bambadinca, região de Bafatá, residente no bairro de Péfine n.º90-B filho de Canomam Seide e de Inha Baldé, requereu a alteração da composição do seu nome e do nome do seu pai fixados no seu assento do nascimento para Bacar Baldé e Canomam Baldé, respectivamente.

São por isso, convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar do passado dia 24 de Janeiro.

BAIXA NO PREÇO DO CIMENTO

Por decisão do Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, datada de 30 de Janeiro, o preço do cimento baixa de 150 para 100 escudos. Esta decisão tem por fim «facilitar o andamento das obras de construção civil em curso no país», segundo se lê no comunicado que o Comissariado nos enviou.

VACINAÇÃO DE CRIANÇAS

Os Serviços de Higiene e Combate às Grandes Endemias, informa ao público que iniciará no dia 10 de Fevereiro próximo, a vacinação anti-poliomielítica a crianças de 3 meses a 4 anos de idade, nas Sedes de todos os Bairros da Região de Bissau.

As crianças que não puderem ser vacinadas na data indicada, por motivo de ausência, ou por se encontrarem no momento com febre, diarreia, vômitos, etc, poderão ir às respectivas Sedes nos dias 11 e 12, sendo a última data o fim das vacinações.

ALUGA-SE

Um estabelecimento: restaurante, café e cervejaria (antiga SOLMAR). Contactar com a agência das organizações «ANCAR».

EMBAIXADA DE PORTUGAL: RECENSEAMENTO ELEITORAL

Com vista às próximas eleições para a Assembleia Legislativa, os cidadãos portugueses residentes na República da Guiné-Bissau com capacidade eleitoral, deverão fazer prova perante a Comissão de recenseamento que funcionará nesta Secção Consular da respectiva inscrição mediante apresentação do certificado ou de passaporte com a indicação daquela inscrição. Caso os interessados não possuam qualquer daqueles documentos poderão solicitar o certificado de inscrição ou o seu averbamento no respectivo passaporte, nos termos das disposições legais em vigor, ou ainda solicitar certificado «exclusivamente válido para efeitos de recenseamento eleitoral», que será emitido sem cobrança de qualquer importância. A fim de se evitar acumulação de serviço nos dias em que decorrerá o recenseamento os interessados têm toda a vantagem em desde já solicitarem a sua inscrição consular, nas condições devidas, tanto mais que a não inscrição até à data do início do Recenseamento implica incapacidade eleitoral.

Bissau, 6 de Fevereiro de 1976.

VENDE-SE

Um móvel de sala de jantar, uma mesa com cinco cadeiras e um carrinho de bebé. Tudo em bom estado.

Tratar na Av. Pansau Na Isna n.º 1-C 1.º Dt.º das 18 às 20 horas e 30.

DOS LEITORES

EXTERMINAR O OPORTUNISMO DOS SENHORIOS

Um nosso assíduo correspondente, Gomes Baldé, enviou-nos uma carta sobre a questão das rendas de casa. O assunto está na ordem do dia e a forma como a aborda, dá-se para comentar.

Eis o que escreveu o correspondente Gomes Baldé: «Camarada Director: «Tenho visto no Jornal «Nô Pintcha», com alguma frequência, assuntos que dizem respeito ao custo de vida em geral e às rendas de casa em especial. Ultimamente, o assunto aos leitores, onde alguns faziam as suas considerações.»

É este assunto um dos que mais acuidade devia merecer, pois se tivermos em linha de conta que num vencimento da média dos 5.000 escudos a renda de casa, leva acto contínuo, pelo menos, um terço do vencimento, teremos de perguntar como irá viver o pobre mortal com os míseros 3.000 e poucos escudos que lhe sobram, com a agravante de na maioria esse pobre mortal ainda ter família mais ou menos numerosa.»

Os senhorios têm tido lucros chorudos, e por isso é lógico que, no momento presente, dêem também o seu concurso para minorar a situação precária em que o País se encontra, dando o exemplo para o abaixamento do custo de vida.»

«A vida está cara é o que se ouve. Razões, existem várias para tal facto. A maior é uma falta de consciência política de amor à terra e aos seus semelhantes. E mais ainda aos ensinamentos de oportunismo, deixados pelos que se fôram, quer tropa, quer civis.»

«A vida corria bem aos senhorios pois para isso vejamos o que temos a dizer: Ainda aí por volta de 1971/72, uma casa geminada com duas moradias, totalizava um custo aproximado dos 250/300 contos. Imediatamente era arrendada à tropa colonialista, por 3.000\$00 cada moradia, o que perfazia 6.000\$00 mensais e consequentemente 71.000\$00 anuais. Assim, em três anos no máximo o custo da casa estava saldado, com uma percentagem anual de lucro da ordem dos 24% mínimos. Se atendermos a que na cidade de Lisboa, uma casa que renda sete a oito por cento, já é considerada muito boa, poder-se-á ver que os senhorios nesta terra, estavam disfrutando lentamente da «árvore das patacas».

«Ora os tempos mudaram. Para a Reconstrução Nacional, todos não somos demais. Mas para que seja efectiva essa participação, os primeiros que têm de dar o exemplo, são os que já «comeram» bastante. Só os Vivas ao Partido dados por vozes com o coração negro, não são suficientes.»

«Eu mesmo vivi numa casa pagando 1.200\$00, sem água e luz, dois quartos acanhados, uma casa de banho repelente e sempre entupida. E é se quero. Qualquer pessoa nos tempos que correm, pagando por tal «nicho» 600 escudos, ainda pagaria bem. O oportunismo está campeando assustadoramente e é preciso exterminá-lo.»

«Um quilo mal pesado de feijão em vagem 50\$00; um quilo de cenouras, (excluídas as da Granja bastante mais batatas) custa 75\$00, uma laranja pequena 1\$00.»

«Mas então onde vamos parar? É a altura de se fazer qualquer coisa e começamos a mostrar a esses inimigos do povo, que a nossa paciência se esgotou.»

«UNAMO-NOS CONTRA O OPORTUNISMO E O EGOISMO de uns quantos em prejuízo de toda uma sociedade. Denunciemos os roubos de que estamos sendo vítimas, para que se possam tomar as medidas adequadas.»

Afars e Issas

Siad Barre pede a intervenção da OUA

CAMPALA (AFP) — O chefe de Estado Somaliano, o presidente Siad Barre, enviou na passada quarta-feira um telegrama ao Marechal Idi Amin Dada, chefe de Estado Ugandês e presidente da Organização da Unidade Africana, pedindo-lhe sua intervenção nos problemas do território francês dos Afars e Issas.

A tensão no território, afirma o presidente Barre, cresce dia a dia caminhando-se para uma situação explosiva. O Marechal Amin deveria intervir, afirma o chefe de Estado Somaliano, a fim de permitir ao povo desta região obter uma independência autêntica, actualmente ameaçada.

O telegrama do presidente Siad Barre refere por outro lado, a violação constante de imunidade diplomática, afirmando que o comunicado geral da Somália em Djibuti está cercado pela polícia francesa e que todos os veículos que entram e que saem são registados, apesar dos vigorosos protestos endereçados ao governo francês.

A Índia reconheceu a R.P.A.

NOVA DELHI (TASS) — O governo da Índia anunciou ontem o reconhecimento diplomático da RPA. Foi o que declarou diante do Parlamento M. Chavan, ministro indiano dos Negócios Estrangeiros.

Empréstimos a Portugal

O Governo da República Federal Alemã, acaba de decidir um empréstimo de duzentos e cinquenta mil dólares (mais de seis milhões de escudos) a Portugal.

Este empréstimo consentido por seis meses renováveis três vezes, será garantido pelo ouro português. Será fornecido pelo Banco Central da RFA ao seu homólogo português.

Ao mesmo tempo, o Banco Central suíço anunciava que concedia a Portugal um empréstimo de um valor aproximadamente de 1,40 milhões de escudos igualmente garantido em ouro.

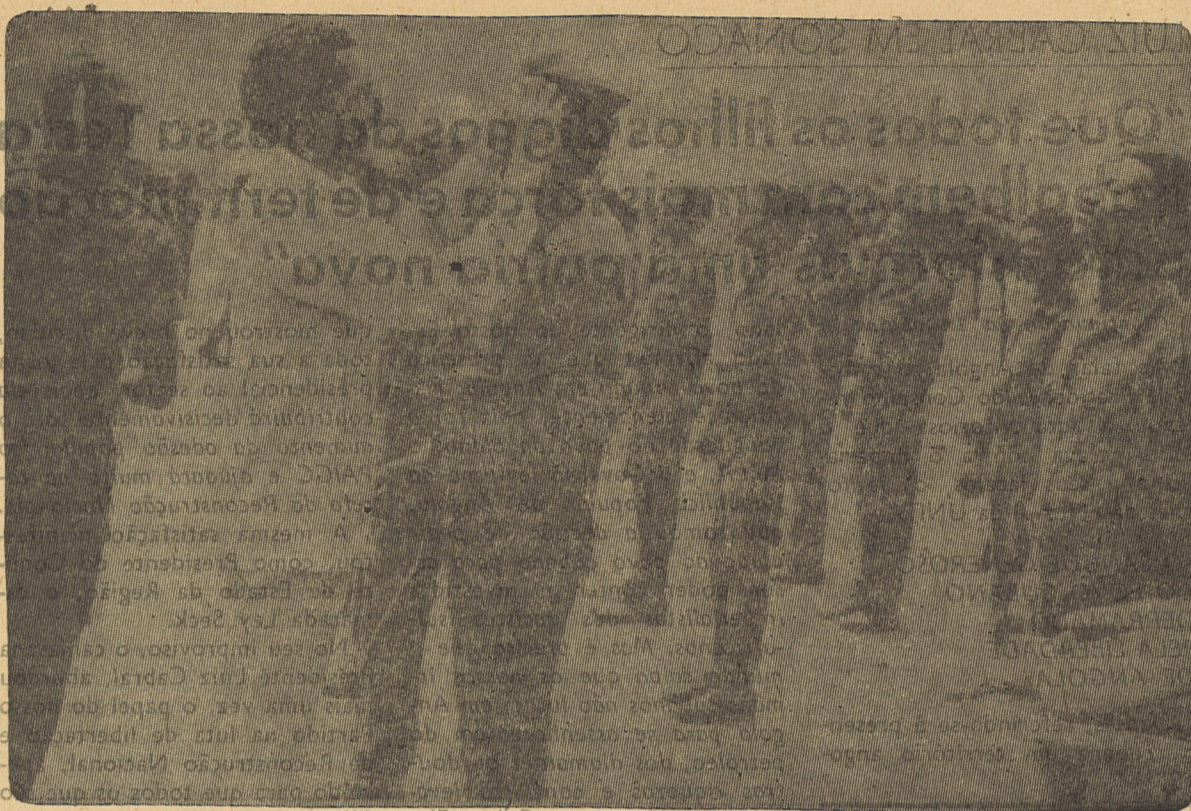
Também a Comissão Luso-Norueguesa anunciou que a Noruega abriu em Portugal um crédito no valor de quinhentos milhões de escudos.

ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

Todos os portugueses com mais de dezoito anos de idade, residentes no território nacional ou no estrangeiro, poderão participar nas próximas eleições para a Assembleia Legislativa, nos termos de um Decreto-Lei publicado na passada quinta-feira pelo Ministro do Interior.

Terão direito de votar os portugueses dos dois sexos, inscritos nas listas eleitorais, residentes no território nacional (continente, Açores e Madeira) assim como os que residem no estrangeiro. Estes últimos devem dirigir-se ao consulado português, mais próximo do seu domicílio.

Os portugueses com dupla nacionalidade, poderão votar igualmente, assim como os que residem nas antigas colónias portuguesas.



A criação de novos corpos militares para as FAPLA é mais uma certeza na vitória do povo angolano. Na foto, o comandante Lúcio Lara, Vice-Presidente do MPLA, impondo as boinas aos novos recrutas.

Angola: ofensivas em todas as frentes no 15.º aniversário do 4 de Fevereiro

LUANDA (TASS) — O povo angolano assinalou solenemente o 15.º aniversário do início da luta armada pela liberdade e independência. Um «meeting» de massas teve lugar diante da antiga prisão de São Paulo.

A 4 de Fevereiro de 1961, um destacamento de patriotas tinha tomado de assalto esta prisão marcando assim o início da luta armada do MPLA contra a dominação colonial portuguesa. Esta luta conjuga o carácter nacional e foi coroada pela proclamação, a 11 de Novembro último da República Popular de Angola.

Mendes de Carvalho, membro do CC do MPLA, e Carlos Rosa Diolva, membro do Bureau Político do MPLA, intervieram frente aos participantes no «meeting» que foi uma manifestação retribuinte da coesão do povo angolano em torno do MPLA, sua vanguarda.

Uma placa alusiva foi inaugurada, pela entrada da antiga prisão onde se pode ler: «A 4 de Fevereiro de 1961, aqui, apesar da repressão colonial foi acendida a chama da luta armada pela liberdade da pátria. Glória eterna aos heróis». Hoje igualmente a primeira pedra foi colocada para o futuro monumento ao soldado desconhecido que deu a sua vida para o futuro radioso de Angola.

Um desfile militar desenrolou-se numa das principais artérias de Luanda, baptizada rua 4 de Fevereiro de 1961.

OFENSIVA DAS F.A.P.L.A. NAS FRENTES NORTE E SUL

LUANDA (TASS) — O exército nacional da RPA prossegue a sua ofensiva sobre todas as frentes contra as forças unidas dos agressores sul-africanos, mercenários e bandos da FNLA e da UNITA.

No norte o inimigo conserva uma estreita faixa ao longo da fronteira do Zaire. Na zona da cidade de Makela do Zombo ele fez uma tentativa desesperada de contrair apoio por um destacamento de 600 mercenários chegados na véspera da Europa. Este ataque saldou-se por uma derrota retumbante. Sob o fogo aborrecido das FAPLA os mercenários fugiram para procurarem refúgio no Zaire.

Nas frentes este e sul onde as FAPLA investiu sobre as cidades de Luso, Huambo, Silva Porto e Lobito, tendo participado na bata-

lha unidades de mercenários vindos apressadamente da África do Sul.

Para deter o avanço das unidades da RPA em direcção ao sul, os intervencionistas e os rebeldes destroem e minam as estradas e dinamitam os pontes.

VORSTER: A AFRICA DO SUL PROSEGUIRÁ A INTERVENÇÃO

WASHINGTON (TASS) — Entre 4 e 5 mil soldados do exército regular da África do Sul participam nas operações militares no sul de Angola. Peter Botha, ministro da

Moçambique:

Nacionalizados todos os prédios

MAPUTO Num longo improviso de quatro horas proferido no «Dia dos Heróis da Libertação», comemorado no dia 3, aniversário do assassinio do primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Chivambo Mondlane, o camarada Presidente da República de Moçambique, Samora Machel, além de anunciar que «a cidade de Lourenço Marques morreu e das suas cinzas acaba de nascer a cidade de Maputo», tornou ainda públicas outras importantes decisões, tais como a criação de um Banco de Solidariedade, destinado a apoiar a luta de povos oprimidos e a cobrir prejuízos causados por calamidades naturais e a nacionalização de todos os prédios e casas de renda, ficando cada família com direito a possuir apenas a sua própria habitação e uma casa de campo ou praia.

Quanto ao Banco de Solidariedade, o seu capital será formado através da contribuição, com um dia de vencimento mensal, de todos os moçambicanos, com ordenados superiores a 8000 escudos contribuindo os restantes com uma verba estabelecida, consoante o seu salário. Os fundos do Banco destinam-se a, em primeiro lugar, a apoiar a luta dos povos do Zimbábue, África do Sul e Namíbia pela libertação e independência.

Defesa evocou-o durante uma entrevista concedida ao correspondente do «Washington Post». Ele declarou igualmente que as tropas sul-africanas controlam no território angolano diferentes localidades situadas no litoral atlântico na fronteira com a Zâmbia.

Esta declaração assim como a última feita pelo primeiro-ministro racista Vorster, segundo a qual a África do Sul prosseguirá a sua intervenção militar nos territórios e nos limites pelos quais ele é responsável, testemunham a vontade do regime de Pretória de alargar a agressão contra a RPA lutando sob a condução do MPLA pela soberania nacional e a integridade territorial do país.

Quanto à nacionalização de prédios e casas, um diploma da Presidência da República publicado no dia 4, estabelece as bases legais em que a mesma se processará, especificando que «são considerados prédios de rendimento os edifícios que, sendo destinados a habitação ou outros fins, tais como comércio, indústria ou agricultura, não sejam ocupados pelos seus atuais proprietários».

O diploma estabelece ainda que «o Estado assegurará uma renda vitalícia aos atuais proprietários quando tenham como meios únicos de subsistência, o rendimento dos prédios e que, por virtude de idade avançada, condição física ou outra incapacidade, não tenham possibilidade de garantir o seu sustento e da família a seu cargo». Aos indivíduos proprietários de mais de um dá ainda capacidade para optarem pela posse de um, impedindo no entanto a venda ou cedência de qualquer imóvel sem prévia autorização do Estado.

Com as medidas anunciadas pelo camarada Samora Machel visa-se «liquidar o racismo, a discriminação racial e social que ainda existem nas cidades», criando «as bases da verdadeira unidade entre todo o povo, sem distinções de raça ou cor da pele».

«A cidade não deve pertencer aos exploradores», disse.

CHILE: OS CRIMES DA JUNTA MILITAR

Helsínquia (TASS) — A comissão internacional de inquérito sobre os crimes cometidos pela junta militar no Chile decidiu, reunir especialmente para debater sobre os problemas de violação dos direitos do homem no Chile e das condições de detenção dos prisioneiros políticos, anunciado em Helsínquia o secretário da comissão que examina a situação dos políticos chilenos debatidos.

O secretário declarou que, segundo as informações provenientes do Chile, a junta de Pinochet prepara um novo processo sumário de Luís Corvalán, Secretário-Geral do partido comunista do Chile e dos dirigentes dos outros partidos políticos da unidade popular. Entre eles os ex-ministro Felipe Ramires, Hanibal Palma, Fernando Flores e Eric Chanqueit, Alfredo Juanan, eminentes personalidades políticas.

REUNIÃO DOS PARLAMENTOS AFRICANOS

ABIDJAN (AFP) — A conferência constitucional da união dos parlamentos africanos terá lugar em Abidjan no palácio da Assembleia Nacional de 11 a 13 de Fevereiro, anunciou uma fonte oficial.

Este encontro do qual o Philippe Yace, presidente da Assembleia da Costa de Marfim é o promotor, agrupará representantes de vários presidentes de assembleias nacionais do Burundi, dos Camarões, do Gana, do Alto Volta, da Ilha Maurícia, do Quênia, do Mali, da Mauritânia, da Nigéria, da República Centrol Africana, de Rwanda, do Senegal, da Swazilândia, do Togo, Tunísia, do Zaire e da Costa de Marfim.

ARÁBIA SAUDITA DESMENTE APOIO À F.N.L.A.

PARIS (AFP) — A embaixada da Arábia Saudita em Paris desmentiu formalmente num comunicado difundido na quinta-feira as informações publicadas em Paris, segundo as quais a FNLA receberá recentemente fundos importantes da Arábia Saudita.

Esta notícia, precisou o comunicado, é absolutamente desprovida de qualquer fundamento. O comunicado acrescentou que o governo saudita nunca adoptou como linha de conduta a ingerência nos assuntos internos de outros países.

RECRUTADORES DA F.N.L.A.

LISBOA 6/2/76 (AFP) — Uma verdadeira rede de recrutadores de «mercenários» portugueses para reforçar as fileiras da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) foi detectada em Portugal, afirmam na quinta-feira, vários jornais de Lisboa.

Segundo o «Diário de Lisboa» os antigos militares, principalmente os pilotos de Aviação e os antigos membros dos corpos de elite, do exército colonial, teriam sido especialmente contactados para este fim.

Os salários oferecidos seriam de 75 mil escudos para um piloto e de 30 a 50 mil escudos para um «especialista de guerra em África». Um dos métodos de recrutamento da rede, que parece ter a sua sede em Madrid, são os pequenos anúncios acrescentados ao jornal.

INQUÉRITO AOS CRIMES DA CIA

WASHINGTON (TASS) — Frank Church, presidente da comissão senatorial especial de inquérito sobre as actividades dos serviços de informação americana sugeriu a nomeação de um procurador especial para investigar os crimes cometidos pela CIA e pelo FBI.

Intervindo diante do Senado, Frank Church indicou que na hora actual, o mais importante era de assegurar uma instrução total escrupulosa e independente das actividades ilegais dos serviços de informação americana para evitar que, estes se restaurassem no futuro.

BISSORÃ:

Produção aumenta setenta por cento

BISSORÃ — Para assistir à colheita de mandioca da produção agrícola local deslocou-se a Mandina o camarada Valério Vaz, responsável pela Agricultura na região de Oio. No seu regresso a Bissorã foi acompanhado por uma carrada de mandioca, facto que entusiasmou a população o que se justifica pela falta daquele produto em Bissorã.

O camarada Valério Vaz declarou na ocasião que a produção agrícola de Mandina tinha aumentado de 70% em relação ao ano passado.

LUIZ CABRAL EM SONACO

“Que todos os filhos dignos da nossa Terra trabalhem com mais força e de terminação para criarmos uma pátria nova”

(Continuação da 1.ª página)

Ao falar de Angola, o camarada Presidente do Conselho releveu a luta vitoriosa que o MPLA trava contra o imperialismo e seus lacaios, os fantoches da FNLA e da UNITA.

«O SANGUE GENEROSO DO POVO CUBANO DERRAMADO PELA LIBERDADE DE ANGOLA»

Depois, referindo-se à presença cubana em território angolano,

o dirigente do nosso Estado afirmou que «a presença do povo cubano em Angola, justifica-se plenamente, pois foi a vanguarda do povo angolano, o MPLA, e o Governo legítimo da República Popular de Angola, que tomou a decisão de pedir ajuda ao povo cubano para assim poder conter as investidas imperialistas dos racistas sul-africanos. Mas é preciso que o mundo saiba que os nossos irmãos cubanos não lutam em Angola para se assenhorearem do petróleo, dos diamantes ou de outras riquezas e com isso levarem proveito para Cuba. Eles não-de levar para a Pátria revolucionária uma coisa que ninguém pode evitar, que são os seus mortos, tombados em solo angolano, regando com o seu sangue generoso a terra angolana, para que o povo angolano possa viver em paz e na liberdade».

Este foi o ponto culminante do comício, quando irromperam os gritos populares e as VIVAS ao MPLA, a Agostinho Neto, a Amílcar Cabral, ao PAIGC, a Luiz Cabral, a Aristides Pereira, Francisco Mendes, Nino Vieira e outros nomes da nossa gloriosa luta de libertação nacional.

O «meeting» terminou nesta altura dado que o camarada Luiz Cabral foi rodeado de milhares de pessoas que o queriam cumprimentar e abraçar.

Foi com grande custo que o camarada Presidente chegou ao «Palácio de Lugadjol», da forma como a multidão apelida a casa do local onde foi proclamado o nosso Estado em 24 de Setembro de 1973.

De regresso ao Gabú, a comitiva presidencial parou em Canjadude onde Luiz Cabral falou à população. Fez algumas considerações a propósito da nossa luta de Reconstrução Nacional, salientando a dado passo: «Esperamos que o nosso povo possa trabalhar em paz e sossego durante estes cinco anos, para assim poder ver a diferença em relação ao que os colonialistas não fizeram em 500 anos».

EM SONACO

Ontem, o Presidente Luiz Cabral, acompanhado pelos camaradas Nino Vieira, Comissário de Estado das Forças Armadas, Umarú Djaló, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, e Lay Seck, Presidente do Comité de Estado da Região, visitou Paunca e Sonaco.

Em ambas as localidades, o camarada Presidente foi recebido entusiasticamente pelas populações, que reafirmaram deste modo, a inteira adesão do povo à linha justa do PAIGC. Tanto em Paunca como em Sonaco, começou por usar da palavra, o camarada Gustavo Na Onta,

que mostrou no breve discurso, toda a sua satisfação pela visita presidencial ao sector, «pois ela contribuirá decisivamente para o aumento da adesão popular ao PAIGC e ajudará muito na tarefa da Reconstrução Nacional».

A mesma satisfação manifestou, como Presidente do Comité de Estado da Região, o camarada Lay Seck.

No seu improviso, o camarada Presidente Luiz Cabral, abordou mais uma vez, o papel do nosso Partido na luta de libertação e de Reconstrução Nacional, apelando para que todos os que são filhos dignos do nosso povo, prossigam o trabalho em que estão empenhados, com mais força e determinação, no sentido de criarmos uma Pátria nova onde o progresso traga a felicidade e o bem estar do nosso povo.

Mais à frente, o camarada Presidente garantiu aos Homens Grandes das duas localidades visitadas, que o nosso Partido e o nosso Estado são laicos, estando cada indivíduo autorizado a professar a sua religião, com a certeza de que o nosso Partido e Estado respeitarão e farão respeitar a religião de cada um.

Falando dos refugiados, o camarada Presidente disse: «Eles são naturais da Guiné. São nossos irmãos. A terra é de todos nós e a sua reconstrução é uma tarefa que cabe a todos nós. Tal como da primeira vez, podem contar com o nosso perdão e voltar às suas terras, para que todos juntos e irmanados no ideal novo e belo, sonhado por Cabral, construamos uma Pátria nova que fará com que surja no horizonte no nosso futuro, o Homem Novo, a razão principal do nosso combate libertador».

Em seguida, o camarada Presidente, referiu-se aos projectos de desenvolvimento para a região do Gabú.

Hoje, antes da sua partida para Bafatá, o camarada Presidente, recebeu os Homens Grandes e comerciantes do Gabú, a quem encorajou a prosseguirem com o seu esforço e estimulou a vigilância para com os inimigos do nosso povo «Pois só assim, poderemos criar as condições seguras onde assentarão as bases do nosso desenvolvimento futuro».

À sua chegada a Bafatá, o camarada Presidente e comitiva, foram recebidos pelo camarada Braima Camará e Irénio Lopes, respectivamente Presidente do Comité de Estado e Comandante Militar da região, tendo, após os cumprimentos de boas-vindas, o camarada Luiz Cabral e a Comitiva presidido a uma reunião com as Forças Armadas locais.

O programa de ontem à tarde, incluía visitas à cidade e às obras em curso nesta laboriosa capital da região de Bafatá.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O SENEGAL ALARGA AS ÁGUAS TERRITORIAIS

DAKAR (AFP) — O Senegal decidiu estabelecer o limite das suas águas territoriais a 150 milhas marítimas bem como a largura do seu planalto continental, constituindo uma zona de pesca exclusiva, a 200 milhas.

Esta decisão foi tomada pelo Conselho de gabinete senegalês. Até agora, as águas territoriais estavam fixadas a doze milhas marítimas (eram de três milhas antes de 1970) e a zona de pesca a 110 milhas marítimas.

A decisão senegalesa de criar uma zona de pesca no seu antigo limite tinha sido tomada em 1973 depois da denúncia em 1972, por este país, das convenções de Genebra de 1958 sobre o mar territorial e os recursos haliéuticos, que interditavam nomeadamente a criação de zonas de pesca exclusiva.

A medida tomada pelo Senegal poderá ser seguida de uma decisão no mesmo sentido da Gâmbia, país cujas águas territoriais estão encravadas, como o resto do seu território, no interior das águas senegalesas.

Entre os países vizinhos, do Senegal, o nosso país estabeleceu as suas águas territoriais a 150 milhas, a Guiné-Conakry a 130 milhas e a República de Cabo Verde a 100 milhas. Em 1974, o Conselho dos Ministros da OUA tinha recomendado aos países africanos a criação de uma zona económica exclusiva de 200 milhas ao largo do seu litoral.

GUATEMALA: 4 CIDADES RISCADAS DO MAPA

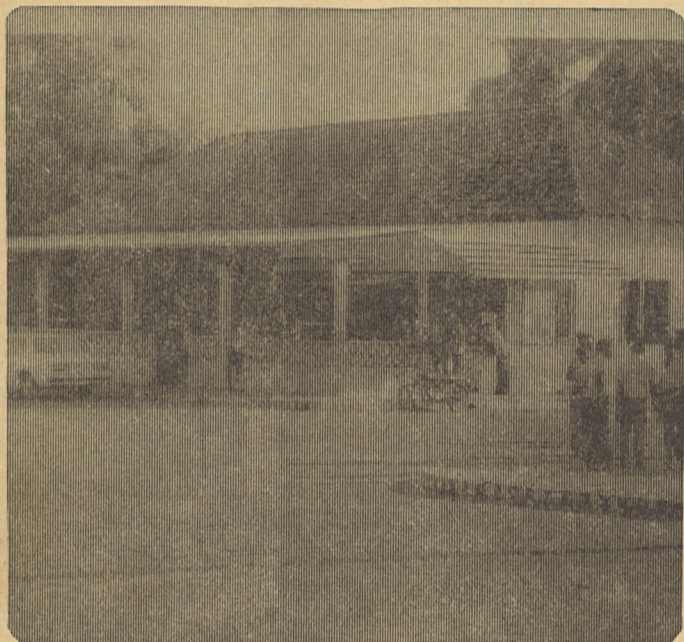
CIDADE DE GUATEMALA (AFP) — O tremor de terra que sacudiu o país na quarta-feira de manhã destruiu parcialmente a capital — Cidade de Guatemala — e riscou praticamente do mapa quatro cidades, totalizando 25 000 habitantes entre os quais 40 por cento estão dados como desaparecidos.

Para a capital, que algumas informações provenientes do México declaram destruída em oitenta por cento, os primeiros balanços cifram em mais de um milhar o número de vítimas da catástrofe, a mais importante que atingiu a Guatemala no decorrer deste século. Haverá mais de 2 000 feridos e um «número indeterminado de desaparecidos».

No conjunto do país, o número dos mortos, feridos e desaparecidos é de momento impossível de determinar, dado a maioria das estradas ligando a capital ao interior do país estavam cortadas e as comunicações telefónicas e telegráficas gravemente perturbadas.

O tremor de terra teve repercussões em países vizinhos, nomeadamente no México, onde provocou estragos no Estado de Chiapas. Cinquenta feridos foram localizados mas ignora-se de momento se há mortos. No nordeste das Honduras, vários edifícios e bairros residenciais foram destruídos ou danificados nas cidades de São Pedro, Sula e Puerto Cortez. Teria havido feridos mas o seu número não foi indicado oficialmente.

COM SPÍNOLA NA MIRA



Esta é a Pensão Ronda, onde rebentou uma das bombas

(Continuação das centrais)

sas munições e alimentação na cabeça.

Tivemos que organizar a liquidação, de Spínola como deve ser, mandando buscar munições porque, não podíamos só pensar em matá-lo sem pensar na vida do povo que aí se encontrava. O «tuga» é bárbaro e se prendessemos Spínola ou o matássemos, eles iam fazer grande barbaridade nessa área. De pois de tudo bem preparado mandámos dizer ao Spínola que estávamos prontos para nos entregar-nos. Deviam vir para conversarmos e para nos dizerem com que condições fomos entregar-nos»

«Ele marcou para 20 de Abril de 1970, às 10 horas na estrada de Jol. Preparámos tudo. Eles chegaram, vinham os maiores Passos Ramos, Osório, Pereira da Silva e os agentes africanos que tinham comprado. Dos nossos estávamos eu, Cacheu Cá, Amândio Gomes e vários outros camaradas.»

«Quando eles chegaram disseram para os desculparmos mas o Spínola não podia vir porque tinha uma importante reunião em Bissau a que não podia faltar. Nós dissémos-lhes que não tinham sido honestos pois, tinham marca-

do uma coisa e não cumpriram. Se tivessem medo, podiam dizer porque nós, do PAIGC, não tínhamos medo. Dissémos-lhes que não os deixávamos partir.

Eles começaram a gritar e nós prendemo-los. Aqueles seus lacaios africanos acharam que lhes deviam lambem os pés e, um deles, disse que o general Spínola era homem que não tinha aparecido porque não podia, que o major que tinha aparecido era bom e que até nos tinha trazido, Whisky e roupa para as nossas mulheres.»

«Os nossos camaradas disseram que não lambem os pés dos «tugas» como eles, tiveram que ir connosco. Mostrámos-lhes, uma vez mais, que devem ter consideração pelo homem africano.»

«Fiz várias outras operações. Nessa altura era eu que dirigia a actividade da segurança a nível inter-regional.»

«Em 1971-72, fui nomeado membro do Comité Executivo de Luta do Partido e continuei a desempenhar sempre as funções de responsável a nível nacional até hoje. No momento da proclamação da independência, depois da nomeação dos nossos camaradas para a entrada em Bissau, fui nomeado comandante da Polícia e Ordem Pública.»